

ROTOR: Possibilidade/Impossibilidade

João Silvério, Setembro 2021

No processo de trabalho de Carlos Mensil somos confrontados com reflexões e procedimentos que derivam de uma prática de investigação sobre fenómenos e organismos que associamos aos diversos ciclos da vida e à nossa percepção destes. Mas estas reflexões e procedimentos derivam ainda de uma memória auto-referencial que reside na presença da máquina, seja esta a máquina da oficina familiar ou uma analogia com a mecânica dos fluidos, o movimento dos astros, a circulação sanguínea ou o movimento aparentemente infinito de uma linha suportada por um sistema de roldanas que nos induz para o percurso interminável de uma secção da mesma, como um “Díptico” em permanente construção. Ou, ainda, para a instabilidade que uma pena de ave percorre num movimento repetitivo sobre uma construção mecânica e complexa de cabos, traves e roldanas que parecem desaparecer sob a situação precária desse objecto leve e diáfano, no seu curso pendular sem princípio nem fim.

Como o título desta exposição, “Rotor”, um palíndromo que serve de metáfora ao *modus operandi* que inscreve uma ideia de movimento em todas as obras, mesmo as que estão em equilíbrio instável e parecem estáticas e seguras, mas se inscrevem na esfera da incerteza, porventura interminável e perpétua. Carlos Mensil constrói diversos jogos perceptivos com o observador, tanto ao nível da linguagem, entre o título da obra e a própria obra que experienciamos, como por exemplo em “Readline”, “Díptico”, “Desnorte” ou “Prova de resistência”. É sob este aspecto que a possibilidade do simulacro, como uma prótese exterior à corporalidade, se pode propor como discurso especulativo entre o que é, neste caso, a obra de arte, e o que esta parece ser na sua pluralidade de sentidos enquanto modelo experimental, que não escapa ao índice científico e não se reduz à constância temporal do tempo medido. Neste sentido a ideia de prótese é um modelo de representação, e por isso mesmo expressa uma ideia de exterioridade, mas também de empatia, com o corpo do observador, como podemos ver, por exemplo, em “Readline”, que nos convoca para uma duplicidade entre a realidade e a ficção de uma circulação interminável e intermitente no seu fluxo, daquilo que pode ser a membrana mais fina que distingue a morte como unidade central, e concisa, da vida. Dessa duplicidade, apenas conhecemos o estado de vigília, de estarmos alerta para uma “figura imaginária que, como a alma, a

sombra, a imagem no espelho persegue o sujeito como o seu outro, que faz com que seja ao mesmo tempo ele próprio e nunca se pareça consigo, que o persegue como uma morte subtil e sempre conjurada. Contudo, nem sempre é assim: quando o duplo se materializa, quando se torna visível, significa uma morte iminente.”¹ É importante recordar que esta obra, sem pretensão evocativa, foi realizada durante o ano de 2020, um ano suspenso por razões de saúde pública, de acções políticas que se tornaram universais desde a instituição imprecisa da ideia de globalização. Além disso, a peça percorre um espaço que é também um corpo construído, uma arquitectura funcional para a exposição de obras de arte, a galeria. Esta é um corpo orgânico, dimensionado na sua fragmentação para permitir a diferenciação dos espaços como contentores de sentido das diferentes obras expostas. A relação canónica entre interior e exterior está presente, tal como a intimidade e a partilha, numa metáfora da natureza desenhada no estreito jardim interior do reduto citadino, onde vamos encontrar um jorro de água que decanta continuamente o líquido para um balde, na obra intitulada “(avô) a regar”. Recorro aqui a uma expressão de difícil tradução que nos pode integrar neste momento iniciático: *heimlich/unheimlich*, ou seja, talvez entre a intimidade familiar (e auto-referencial) e a inquietude da presença.² É nesta dimensão, estribada na aparência da manufactura e da proficiência quase oficinal do trabalho de Mensil, que somos confrontados por um universo de experiências entre a física, a biologia e o questionamento enquanto processo artístico. Todos estes procedimentos, dos mais complexos até aos mais simples, não perdem de vista os modelos que presentificam a nossa condição humana, enquanto seres universais, seres em relação com o Outro, e participantes de uma memória empírica que pode encontrar-se, enquanto momento especulativo, na experiência condicionada por “Entre o Sol e a Terra”, uma instalação complexa de assinalável dimensão, concebida e montada especificamente para esta exposição. Ainda a propósito do trabalho do artista, recorro às palavras de um outro curador e cientista, que sobre o processo artístico de Mensil anotou o seguinte: “Os seus objectos podem ser fragmentos, ‘vestígios’ subtraídos ao mundo e rerepresentados como se o mundo não tivesse dado por esta subtracção. Ele brinca com a nossa percepção. Não porque provoque um imenso colapso que manda o observador ‘ao chão’, mas porque o obriga a voltar-se, olhar para trás, e a constatar que há qualquer coisa que não está bem. Que há um problema.”³

1 BAUDRILLARD, Jean, *Simulacros e Simulação*, Lisboa: Relógio D’Água, 1991, p. 123.

2 Tradução adaptada a partir de nota da tradutora Maria João da Costa Pereira para *Simulacros e Simulação*.

3 *A arte não é mentira, mas também não é verdade*. Paulo Cunha e Silva, Porto, Dezembro de 2012.